

# Sindicatos, Ordem e Faculdades contestam ministro da Saúde

LEONOR BELEZA está a ser alvo da mais forte contestação até agora verificada em relação a um membro do actual Governo devido à alteração, que teve lugar esta semana, do regime das carreiras médicas.

Esta contestação deverá culminar durante o dia de hoje com a realização de greves de estudantes em todas as faculdades de Medicina do país e com a realização de um plenário convocado pelo Sindicato dos Médicos da Zona Sul (SMZS) e por representantes dos policlínicos, onde será apresentada uma proposta de greve para os dias 3 e 4 de Fevereiro. A Faculdade de Medicina do Porto encontra-se já paralisada desde 2.ª feira, tendo no caso de algumas das escolas sido decretada greve por tempo indeterminado.

Estas formas de luta vêm merecendo o apoio expresso de grande número de professores das faculdades, tendo sido entregue há alguns dias à Presidência da República um abaixo-assinado de mais de uma centena de docentes onde se contestam as medidas agora tomadas e que eram já esperadas.

Uma das principais alterações do regime das carreiras diz respeito ao estatuto do internato geral — um período de dois anos de pós-graduação hospitalar durante o qual o recém-licenciado trabalha sob a tutela de outro médico — cujo vencimento era anteriormente o da letra G da função pública e que passará agora a ser pago, segundo o novo diploma, através de um subsídio mensal. Ainda que esse subsídio seja, para já, equivalente àquela letra — 44 600 escudos — o novo enquadramento legal que abrange os internos faz

com que estes percam o direito ao subsídio de férias, 13.º mês, à contagem do tempo de serviço para diuturnidades e reforma e, ironicamente, também a ADSE (Assistência na Doença aos Servidores do Estado). Por outro lado, como salienta Mário Jorge, do SMZS, «a atribuição de um subsídio que é hoje igual à letra G não garante que esse paralelo se mantenha para sempre».

## Ordem dos Médicos contesta medidas

Também a Ordem dos Médicos

cos (OM) contesta as medidas de Leonor Beleza: «Os médicos do internato geral não são alunos prolongados, como pretende a ministra da Saúde, mas médicos com carta de curso que realizam um período de formação em serviço — diz Gentil Martins, bastonário da Ordem. Trabalham efectivamente como médicos e tanto como qualquer outro médico, só que a um nível profissional e hierárquico diferente, devendo por isso usufruir de todos os direitos dos outros médicos durante esse período. A única diferença está — e nisso

concordamos com o Ministério — em que não possuem vínculo à função pública».

A Ordem dos Médicos, que chegou a convocar uma greve para o dia de hoje, sexta-feira, onde todos os médicos dos serviços dependentes do Ministério da Saúde deveriam cumprir o regime de trabalho dos domingos e feriados, veio posteriormente a modificar essa posição pedindo aos médicos que fossem trabalhar mas cedessem o salário desse dia para um «fundo de solidariedade» que financiará as acções que os jovens médicos entenderem convenientes para esclarecimento do público e como forma de pressão.

A sintonia entre a OM e o Sindicato é porém mais aparente do que real. Apesar da semelhança de posições relativamente aos direitos dos internos, a OM continua a defender a reformulação das carreiras médicas e o estabelecimento de «convenções» como alternativa profissional para os médicos — numa linha de pensamento que não está muito distante da de Leonor Beleza — enquanto o Sindicato pretende a manutenção do actual esquema de carreiras e mesmo que se considere o internato geral como o seu primeiro grau, assegurando os seus

dirigentes que «a medicina convencional não é defendida por ninguém entre os médicos jovens e apenas serve os interesses da clínica particular dos médicos já estabelecidos».

## «Ministra não tem vivência hospitalar»

As afirmações recentes da ministra da Saúde, segundo as quais o internato geral não podia constituir um «período de trabalho disfarçado mas sim de aprendizagem» e de que estes médicos «não estão no hospital para suprir dificuldades de pessoal», foram igualmente objecto de críticas tanto por parte da Ordem como dos Sindicatos e dos estudantes de medicina. Estes últimos entendem que a ministra está desta forma «a pôr em causa o ensino ministrado nas cinco escolas de medicina do país e demonstra que desconhece o que é a medicina».

«Não é compreensível que a responsável pela Saúde, que não tem qualquer vivência hospitalar, não se rodeie de técnicos competentes neste sector que lhe deem o que ela não tem: o conhecimento real das situações — acrescenta Gentil Martins. É com preocupação que nós vemos uma ministra da Saúde advogada e que nomeia dois directores-gerais dos quais um é economista e o outro um psicólogo licenciado pela Faculdade de Letras.»

A propósito do internato geral, terá lugar amanhã uma reunião da Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos onde serão aprovadas as medidas a tomar a nível nacional.

Na sequência do que já aconteceu nas últimas semanas, com as manifestações frente ao Ministério da Saúde e durante a cerimónia de lançamento da Associação Académica de Lisboa, deverão ser levadas a cabo acções de esclarecimento à população por parte de estudantes, assim como manifestações de outra ordem, já que, segundo afirmam, não conseguem ser recebidos directamente pela ministra da Saúde para lhe expressarem os seus pontos de vista.

Apesar das tentativas feitas pelo EXPRESSO e a exemplo do que vem acontecendo nas últimas semanas, não foi possível ouvir a posição da titular da pasta da Saúde.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Perceado do trabalho

